



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
ARTES VISUAIS**

Maysa Viacava Sigoli

**EXPERIÊNCIAS EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E
INTERDISCIPLINARIDADE:**
As possibilidades de integração com outros
componentes nos anos iniciais do ensino fundamental

Rio de Janeiro
2025

Maysa Viacava Sigoli

EXPERIÊNCIAS EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E INTERDISCIPLINARIDADE

As possibilidades de integração com outros componentes nos anos iniciais do ensino fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora Dr.^a Camila Nagem Marques Vieira

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S578 Sigoli, Maysa Viacava
Experiências em ensino de artes visuais e interdisciplinaridade : as possibilidades de integração com outros componentes nos anos iniciais do ensino fundamental / Maysa Viacava Sigoli. – Rio de Janeiro, 2025.

15 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais – EAD) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Camila Nagem Marques Vieira.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Anos iniciais do Ensino Fundamental - Estudo e ensino. 3. Integração escolar. 4. Interdisciplinaridade. 5. Educação integral. I. Vieira, Camila Nagem Marques. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

Maysa Viacava Sigoli

**EXPERIÊNCIAS EM ENSINO DE ARTES VISUAIS
E INTERDISCIPLINARIDADE:**

As possibilidades de integração com outros componentes nos anos iniciais do ensino fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: 12/08/2025.

Banca Examinadora:

Dra. Camila Nagem Marques Vieira (Orientador)
Colégio Pedro II – Departamento de Artes Visuais
EEAV - PROPGPEC

Ms. Ingrid Marie de Moraes
Colégio Pedro II – Departamento de Artes Visuais
EEAV - PROPGPEC

Dra. Sirlene Ribeiro Alves da Silva
Colégio Pedro II – Departamento de Artes Visuais

Rio de Janeiro
2025

EXPERIÊNCIAS EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E INTERDISCIPLINARIDADE:

As possibilidades de integração com outros componentes nos anos iniciais do ensino fundamental

Maysa Viacava Sigoli

Resumo: O presente relato de experiência pretende discutir a intencionalidade de diálogo entre o ensino de Arte e os demais componentes curriculares da Educação Básica, debatendo o conceito de interdisciplinaridade a partir das minhas relações com a docência no ensino de Artes Visuais, e percebendo suas potências e limitações. Para tanto, serão analisadas vivências práticas que ocorreram no contexto dos anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola de Educação Integral, em que diferentes componentes curriculares foram articulados em uma mesma proposta.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; integração; educação integral; ensino de artes visuais

EXPERIENCES IN VISUAL ARTS EDUCATION AND INTERDISCIPLINARITY

Possibilities for integration with other subjects in the early years of elementary education

Abstract: This experience report aims to discuss the intentionality of establishing dialogue between art education and the other curricular components of Primary Education, addressing the concept of interdisciplinarity through my teaching practice in Visual Arts, while acknowledging its strengths and limitations. To this end, practical experiences carried out in the context of the early years of elementary education, within a Full-Time Education school, in which different curricular components were articulated within a single proposal, will be analyzed.

Keywords: interdisciplinarity; integration; full-time education; visual art education

1 INTRODUÇÃO

O diálogo entre os componentes curriculares do ensino básico tem sido tópico presente em discussões sobre a escola contemporânea, acompanhando a busca por um aprendizado mais significativo para o educando, em que os saberes se comuniquem. Para isto, há a busca e desenvolvimento das mais diversas abordagens, bem como diferentes olhares para o currículo escolar. O campo das Artes Visuais, compreendido no ensino regular de Artes, se relaciona ao olhar sensível, transposto na autoria, no saber e leitura estética, e na expressão individual. A partir disto, a pergunta norteadora desta pesquisa é “Como as Artes Visuais, no contexto da Educação Básica regular e no recorte dos anos iniciais do ensino fundamental, podem se relacionar com outros componentes curriculares?”

O encaminhamento deste artigo possui como ponto de partida as minhas vivências como professora de Artes Visuais dos anos iniciais do ensino fundamental. Estas vivências aconteceram em aulas de Arte do Ciclo I, que compreende do 1º ao 3º ano, e envolveram a articulação das Artes Visuais com outros componentes curriculares em uma instituição de Educação Integral.

Com as práticas realizadas me propus a buscar possibilidades de integração que resultassem em um ensino contextualizado, significativo e plural portador de uma visão ampliada na qual os educandos pudessem perceber seu aprendizado mais unificado e com propósito.

O objetivo geral deste artigo, a partir dos desdobramentos das experiências vivenciadas, é analisar as possibilidades de diálogo entre o componente Arte e as demais áreas de estudo, nos anos iniciais do ensino fundamental. Além disso, os objetivos específicos são conceituar, a partir de levantamento de referenciais bibliográficos, interdisciplinaridade e escola de Educação Integral, relatar parte das minhas vivências em que a Arte dialoga com outros componentes curriculares, estabelecer as problemáticas em usar o ensino da Arte como suporte, ou a serviço das demais disciplinas, e situar a necessidade de diálogo entre os pares para um efetivo trabalho interdisciplinar.

É importante ressaltar que o ensino de Arte é um campo de saber autônomo, composto por conhecimentos e abordagens específicas, e há a armadilha de, ao se propor trabalhar as relações entre componentes curriculares, as Artes Visuais serem entendidas como subservientes aos demais, uma área de menor valor que serve

para suprir demandas externas. A busca, portanto, é a defesa da criação de pontes, dos diálogos entre os campos de estudo, entendendo que a construção de saberes não é isolada em si, havendo pontos de confluência.

2 CONCEITUADO: INTERDISCIPLINARIDADE E EDUCAÇÃO INTEGRAL

A proposta de Educação Integral no Brasil surgiu por volta de 1930, e teria um programa com leitura, escrita, matemática, ciências, Artes, educação física e alimentação, o que iria além dos programas predominantes da época, que se focaram na alfabetização (Arroyo, 2012). Para Anísio Teixeira (1978), um dos pioneiros do movimento Escola Nova, na escola de Educação Integral os alunos deveriam estar envolvidos na concepção e no planejamento dos currículos, incorporando suas experiências e vivências.

Na Constituição Brasileira de 1988 surge o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente - cujo Artigo 53 cita “a criança e o adolescente têm o direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação ao trabalho [...]” (Brasil, 1990).

No Artigo 58, consta que:

No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura. (Brasil, 1990).

Apesar destes documentos, não existe legislação que defina o que é uma escola de Educação Integral, ou seja, o conceito de Educação Integral muda dependendo da instituição mantenedora.

Analisando o projeto de Educação Integral de uma rede municipal do estado de São Paulo, por exemplo, observa-se que há a busca por uma Educação Integral em tempo integral, com a formação plena do estudante, e não apenas o aumento de jornada. Um dos documentos dessa rede que possui essas evidências é o relatório “Educação Integral em Tempo Integral: Uma proposta de construção no município de Campinas” (Comissão de Estudos da Educação Integral, 2013), elaborado por um grupo plural que reuniu vários agentes do segmento da educação e buscou perceber e levantar conceitualmente qual seria a Educação Integral adequada àquela realidade de rede municipal.

Deste modo, nas escolas de Educação Integral deste município, os componentes curriculares foram estruturados de forma não hierarquizada, tendo a

mesma carga horária para todas as disciplinas. Os estudantes cumprem 05 horas-aula nos anos iniciais do ensino fundamental e 06 horas-aula nos anos finais do ensino fundamental, com horários intercalados – ou seja, não há divisão entre “currículo geral” e “currículo diversificado”.

Esta organização da rede busca evidenciar a não fragmentação dos saberes, visto que a Arte, a Educação Física e o Inglês têm a mesma carga horária que Português, Matemática, Ciências Humanas e Naturais. O público-alvo da educação especial, quando observada a necessidade, é atendido com apoio educacional específico dentro da sala regular, bem como há algumas situações de acesso ao atendimento na sala de recursos. O currículo é descrito nos Cadernos Temáticos, que contém as diretrizes de maneira interdisciplinar, perpassando por eixos temáticos divididos em “Natureza, sociedade e sustentabilidade”, que trata da natureza e sociedade, “Trabalho, organização e cidadania”, que reflete sobre as organizações sociais, e “Cultura e Linguagem”, que discute as manifestações artísticas e culturais.

Para as escolas de Educação Integral desta rede, os tempos pedagógicos são de 50 minutos e se dividem, nos anos iniciais do ensino fundamental, em: tempo docente com aluno (TDA - 25 horas-aula); tempo docente de livre escolha (TDL - 6 horas-aula), para preparação de aulas e materiais; tempo docente coletivo (TDC - 2 horas-aula), momento de reunião entre professores e gestão; tempo docente entre pares (TDEP - 3 horas-aula), momento de organização entre professores; e tempo docente em formação (TDF - 4 horas-aula). Nas escolas desta rede que vivenciam jornadas parciais não há a mesma proporcionalidade de tempos pedagógicos, ou seja, segue-se a uma não equidade na divisão dos tempos disciplinares, e os docentes em suas jornadas semanais executam 32 horas-aula com alunos para uma jornada total de 40 horas-aula.

As interações entre os componentes curriculares vêm sendo tópico de estudos e discussões ao longo do tempo. No final dos anos sessenta, através de críticas de movimentos sociais de universitários à organização do ensino superior e à ruptura entre prática e teoria, buscou-se outras organizações para o ensino básico. Buscando sintetizar estas interações, um dos conceitos emergentes foi o de interdisciplinaridade.

No contexto brasileiro, o tema da interdisciplinaridade é pautado nas pesquisas de Ivani Fazenda em três momentos diferentes: nas décadas de 1970, em

que educação teria passado por uma estruturação conceitual básica; nos anos de 1980, período marcado por epistemologias que buscam esclarecer a teoria interdisciplinar e 1990, quando inicia-se a busca de uma nova teoria da interdisciplinaridade. Ainda segundo Fazenda (1995, p. 13) “[...]: é impossível a construção de uma única e absoluta e geral teoria de interdisciplinaridade, mas é necessária a busca ou desvelamento do percurso teórico pessoal de cada pesquisador [...]”, ressaltando que a definição anda em conjunto com a experiência de cada professor-pesquisador. A autora afirma que a interdisciplinaridade não é uma técnica, mas uma postura ética e epistemológica que se realiza no diálogo entre áreas e na valorização das diferentes formas de produzir conhecimento. Assim, essa abordagem está intrinsecamente relacionada ao exercício docente e à formação crítica do educador.

Na década de 1990, junto com a busca por uma nova teoria da interdisciplinaridade, surge também outro tipo de professor, o “professor investigador”. Segundo Fazenda (1995), o professor investigador não repassa conteúdos, mas reflete sobre o papel do professor para sociedade. Tal abordagem também é reflexo da redemocratização política, que se expandiu para uma democratização educacional. O educador não é mais um técnico do ensinar, mas sim tem um papel de destaque no desenvolvimento e formação humana, que se responsabiliza pela construção do conhecimento (Perin; Malavasi, 2018).

Em consonância com o papel social da educação defendido pelos teóricos da Educação Integral e da interdisciplinaridade, na Base Nacional Comum Curricular, é afirmado que o componente Arte debruça-se sobre as produções artísticas e compreende as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre manifestações artísticas, além de contribuir para a cidadania, ao favorecer o respeito à diversidade e complexidade de uma contemporaneidade plural através da criticidade e do diálogo intercultural. Destaca-se, ainda, a sensibilidade, intuição, pensamento, emoções e subjetividade como formas de expressão, que permeiam o ensino das Artes Visuais na Educação Básica. Frisa-se, portanto, que as manifestações artísticas abordadas no ensino de Arte devem extrapolar o cânone vigente das instituições e mídia, bem como não se limitar ao aprendizado de técnicas. O educando deve experienciar a prática e reflexão em Arte como uma ação social, alcançando seu protagonismo. (Brasil, 2017)

A partir dessa perspectiva, compreende-se a Arte/educação como um campo que, por natureza, carrega potencial interdisciplinar. A Arte atravessa linguagens, culturas e modos de ser e de ver o mundo. Como afirma Ana Mae Barbosa (2015) através da poesia, dos gestos, da imagem que a Arte apresenta e fala aquilo que outras ciências não podem apresentar por utilizarem outro tipo de linguagem, sem decodificar nuances culturais. Assim, o ensino de Arte não deve ser entendido como acessório ou complementar, mas como componente essencial da formação integral dos estudantes, sendo capaz de dialogar com outras áreas sem perder sua identidade e profundidade.

Dentro do componente, o compartilhamento dos saberes levantados acontece processualmente, em diálogo com seus pares ao longo do ano, mas também possibilitam momentos como a mostra das produções por meio de exposições, performances, intervenções e eventos artísticos.

O processo de criação tem a mesma relevância que os produtos artísticos, e pode ser avaliado no cotidiano das práticas, como também a partir da organização de portfólios e cadernos de artista, possibilitando a prática investigativa, o que permite a experimentação e desenvolvimento da poética pessoal.

O aprendizado em Arte, portanto, só se concretiza quando o aluno consegue se apropriar de conceitos e ser capaz de apreciar a sua produção artística a partir de reflexões (Ostrower, 2003). Compreendendo que a Arte dialoga com a vida, a imaginação, os gestos e pensamentos do educando, reconhece-se sua natureza interdisciplinar, visto o envolvimento entre teoria e prática (Oliveira *et al*, 2017).

A interdisciplinaridade também deve ser vista da ótica de suas contribuições específicas aos outros componentes, entendendo que, como reforça Barbosa (2015), a linguagem simbólica da Arte revela nuances da cultura que as formas discursivas tradicionais não alcançam. Portanto, a Arte e seu ensino permeiam a formação dos educandos criticamente, por meio da colaboração, da expressão de ideias e da produção de sentidos.

3 VIVÊNCIAS: ARTE E INTERDISCIPLINARIDADE

Este artigo busca discutir os conceitos de interdisciplinaridade e de que forma as experiências vividas por mim, como docente de Artes Visuais no ano de 2024, podem ser vistas pelas lentes da interdisciplinaridade. Neste ano, pude participar e planejar diversas práticas em que se identificava a proposta de diálogo com outros

componentes curriculares, elas foram registradas e serão aqui analisadas sob a ótica da interdisciplinaridade, observando se realmente ocorreram interações entre os componentes sem haver subordinação de um a outro, bem como avaliando se houve ganhos pedagógicos e aprendizagens para os alunos. Cabe ressaltar que esta não é uma pesquisa de campo, o foco desta reflexão são os processos pedagógicos vividos por mim como docente, em diálogo com meus pares, em contextos pedagógicos. Não serão, portanto, analisados os estudantes, a instituição escolar, ou os docentes inseridos, neste contexto, mas o fato pedagógico e a minha implicação do docente. Relatar minhas vivências e refletir à luz da teoria é o principal exercício desejado por este artigo.

As práticas vividas aconteceram em uma escola de Educação Integral de uma rede municipal, na qual os componentes curriculares possuem mesma carga horária. Ou seja, ainda que o currículo seja fragmentado em disciplinas, eles não são hierarquizados segundo seus tempos de aula. A matriz curricular ofertada é composta por: Arte, Língua Moderna Estrangeira, Educação Física, CIL - “Cultura, identidade e lugar”, estes de responsabilidade dos professores especialistas, além de, Matemática, Português, Ciências da Natureza, História e Geografia, lecionados por pedagogo designado exclusivamente ao acompanhamento da turma.

Citar essa organização curricular é relevante para compreensão das realidades vividas, entendendo que os tempos escolares para este contexto possuíam condições de trabalho diferentes em relação a outras redes vizinhas e em relação a escolas da mesma rede que seguem regime parcial de ensino, com menor carga horária diária e hierarquização das disciplinas por tempo de oferta.

3.1 Práticas

3.1.1 Arco-íris e teoria das cores.

A curiosidade dos alunos do 1º ano foi despertada ao perceberem um arco-íris no chão no refeitório. A pedagoga da turma, que foi quem presenciou a cena, elaborou um projeto para pesquisarem sobre o tema. Posteriormente, ela compartilhou com o coletivo, convidando quem gostaria de colaborar. A pergunta norteadora do projeto da professora era “Como se formam os arco-íris?”, e os estudantes pesquisaram sobre refração da luz, fazendo experimentos e pesquisas dentro do componente de ciências naturais.

Pensando em consonância com a proposição da professora, defini que abordaria o tema com os educandos, elencando as propostas que poderíamos abordar em Arte. Em conjunto, definimos o ponto de partida: Como as cores se comportam? Primeiro, estudamos as diferenças da cor-luz e da cor-tinta, sendo mostradas as misturas de cores possíveis com luz e com tinta. Depois, partimos para uma experimentação prática, em que os alunos foram convidados a criarem um arco-íris de 6 cores (amarelo, laranja, vermelho, roxo, azul e verde). Porém, só seriam disponibilizadas as cores primárias - amarelo, vermelho e azul. Através das misturas de cores, os estudantes puderam completar seu arco-íris. Percebo, por meio dessa experiência, que a interdisciplinaridade se apresentou a partir da temática conjunta, que, ao ser abordada por diferentes educadores, lançou diferentes perspectivas sobre o tema.

3.1.2 As lendas praticando esportes

Iniciei um projeto sobre histórias e personagem nos 2º anos, em que em um primeiro momento desenhamos alguns personagens de diferentes histórias. Após isso, em conjunto com os alunos, nós dividimos os personagens em categorias, personagens de filmes, desenhos, lendas etc. Os estudantes demonstraram maior interesse em pesquisar as lendas do folclore, pois já haviam trabalhado as mesmas em Português. Compartilhei este momento com meus colegas, e a professora de Educação Física, que estava trabalhando os diferentes esportes, sugeriu que fizessem uma atividade em conjunto.

Propusemos aos alunos, então, que imaginassem as lendas jogando algum esporte. Pude observar a interdisciplinaridade não apenas em tema em comum, mas em efetivamente aplicarem os saberes desenvolvidos em cada um dos componentes, sem hierarquização e sem utilizar o componente Arte de maneira ilustrativa, mas sim aplicando habilidades propostas na BNCC (Brasil, 2017). Como a habilidade, (EF15AR03) - Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das Artes Visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais, (EF15AR05) - Experimentar a criação em Artes Visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade, (EF15AR23) - Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas e (EF15AR24) -

Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

3.1.3 Maio laranja

Em maio, os professores se reuniram com a gestão para a realização de atividades integradas com os alunos sobre o “Maio Laranja”, projeto que busca orientar crianças e adolescentes sobre o que é o abuso sexual e como se proteger e denunciar. Os professores partiram para atividades como o “semáforo do toque”, músicas e histórias educativas, e em Arte utilizamos o tema para criarmos Artes postais que alertariam sobre o abuso sexual infantil, utilizando-se das cores e símbolos do Maio Laranja.

Conversando com os alunos sobre o tema, decidimos criar materiais informativos, visto que já haviam trabalhado sobre cartazes publicitários em português. Como também já conheciam o gênero carta, apresentei primeiramente o que é um cartão postal e sua importância cultural, e depois criamos os postais.

Dentro da atividade, passamos pela criação de narrativas dentro do gênero carta, cartão-postal e informe, criando materiais de conscientização sobre a temática. Como a escola se mobilizou dentro do mesmo tema, os conhecimentos estavam alinhados, porém isso também se apresentou o uso de saberes apresentados em outros componentes curriculares.

3.1.4 Pintura com boca e pé

A equipe de educação especial da escola possui um projeto chamado “Semana das Diferenças”, que trabalha ao longo da semana temas relacionados à inclusão de pessoas com deficiência, preconceito e acessibilidade através de oficinas, palestras e exposições realizadas pela comunidade escolar e por formadores externos. Na semana, ofereci a vivência “Pintura com boca e pé” para os alunos do Ciclo I. Primeiro, apresentei uma reportagem sobre a APBP – Associação dos Pintores com a Boca e os Pés, e fizemos uma roda de conversa sobre o tema.

Depois disso, convidei os alunos a experimentarem pintar com partes do corpo que normalmente não usamos. Ao final da atividade, discutimos nossos sentimentos e sensações com a criação artística. A interdisciplinaridade, aqui, se

mostra na temática trabalhada em diferentes ângulos, bem como com a própria Educação Especial, que se utiliza de diferentes vivências para a inclusão dos estudantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Arte oportuniza dimensões que, por vezes, no cotidiano escolar, ficam à sombra de outros enfoques. A partir da sensibilidade, do olhar e da expressão, os alunos desenvolvem capacidades socioemocionais e culturais que contribuem para seu desenvolvimento pleno e sua formação integral.

É impossível imaginar uma Educação Integral sem Arte, mas também se percebe que a interdisciplinaridade se mostra presente na mesma, indissociável. Olhando em retrospecto, se analisa que as experiências vivenciadas não colocam o ensino de Arte como subserviente, mas sim como igual, capaz de desenvolver aptidões por si só, como colaborar com o desenvolvimento de outros campos. Outro aspecto importante a ser observado é o do planejamento coletivo, que se apresenta como fator essencial e determinante para as possibilidades de integração entre os diferentes componentes.

Refletindo sobre a fala dos autores citados sobre interdisciplinaridade, Educação Integral e ensino de Arte, e debruçando-se sobre os documentos que pautam a Educação Integral de Campinas, evidencia-se o quanto o ensino das Artes Visuais pode ser explorado por diversas perspectivas, contribuindo para a formação plena e integral do indivíduo, tornando o ensino contextualizado e plural.

Porém, percebe-se que é possível criar estes caminhos sem colocar a Arte na Educação Básica em um papel secundário, de apoio, podendo desbravar o componente e seu potencial sensível, criativo e expressivo, em que as crianças e adolescentes possam vivenciar de maneira sadia suas emoções e sentimentos, alcançar contextos subjetivos e construir saberes de maneira mais significativa e marcante.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ARROYO, M. G. **O direito a tempos-espços de um justo e digno viver**. *In*: Moll, Jaqueline [et al]; Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. **A interdisciplinaridade na Arte**. Revista Nupeart, v. 1, n. 2, p. 1-10, 2015.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF: Senado Federal, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- CAMPINAS. Decreto nº 18.242, de 24 de janeiro de 2014. **Dispõe sobre a criação do Projeto Piloto de Escolas de Educação Integral (EEI) da Rede Municipal de Ensino de Campinas e dá outras providências**. Diário Oficial do Município de Campinas, Campinas, 27 jan. 2014.
- CAMPINAS. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica para o ensino fundamental – anos iniciais: Um processo Contínuo de Reflexão e Ação**. Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico/organização e coordenação: Heliton Leite de Godoy. Campinas, SP: 2012.
- CAMPINAS. **Educação Integral em Tempo Integral: uma proposta de construção no município de Campinas**. Campinas: Comissão de Estudos da Educação Integral, 2013.
- FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.
- OLIVEIRA, SANDRA REGINA RAMALHO; NUNES, SANDRA CONCEIÇÃO. A complexa busca pela transdisciplinaridade no ensino de Arte. *In*. **Anais do 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Transversalidades nas Artes Visuais**, Salvador, BA, p. 3830-3842, 2009.
- OSTROWER, Fayga. **Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PERIN, CONCEIÇÃO SOLANGE BUTION; MALAVASI, SILVANA. A interdisciplinaridade e a formação do professor: breves considerações. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, SP, p. 98-112, 2019.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação é um direito**. São Paulo: Ática, 1978.